

DOCÊNCIA COM BEBÊS: a aprendizagem da leitura, do mundo, da vida, de si

Laís Caroline Andrade Bitencourt¹

Isabel de Oliveira e Silva²

Mônica Correia Baptista³

Eixo temático: Alfabetização e Infâncias

Resumo

Os trabalhos apresentados nos anais anteriores deste Congresso indicam que o processo de desenvolvimento da linguagem se inicia na interação entre bebês e adultos. A partir desse pressuposto propomos, neste artigo, compreender como professoras e auxiliar participam da aprendizagem de bebês sobre a leitura, do mundo, da vida, de si, durante a realização das atividades de cuidado e educação em uma Instituição de Educação Infantil. A pesquisa foi de natureza qualitativa e realizada no ano de 2017. Os instrumentos de geração dos dados foram entrevistas semiestruturadas e observação participante. Participaram da pesquisa 9 professoras, 1 auxiliar e 12 bebês. Como principal conclusão destacamos a implicação pessoal das adultas como componente da docência com esse público. Os dados mostram elementos sobre o processo de aprendizagem da leitura, do mundo, da vida, de si, pelos bebês, a partir do trabalho das adultas. Concebemos como condição necessária o atendimento em creches realizado por profissionais com formação inicial adequada e em constante qualificação, para que possam desenvolver práticas educativas capazes de enriquecer as experiências das crianças.

Palavras-chaves: Docência com Bebês; Leitura; Cuidado.

Introdução

O processo de desenvolvimento da linguagem se inicia na interação entre bebês e adultos. Essa compreensão justifica os processos de alfabetização e letramento, o mergulho nos mundos da leitura e escrita, como uma condição social que se inicia desde o nascimento ou, como defendem alguns autores, desde a vida

¹ Doutora em Educação. Pós-Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais – FaE/UFMG. Contato: laiscarolineabit@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora da FaE/UFMG. Contato: isabel.os@uol.com.br

³ Doutora em Educação. Professora da FaE/UFMG. Contato: monicacb.ufmg@gmail.com

uterina (MORO; VIEIRA, 2019). Como sujeitos que vivem em uma sociedade letrada, as crianças, desde bebês, participam do mundo da escrita e da leitura (BAPTISTA, 2017). Fundamentados, em especial, na teoria Histórico-Cultural, a literatura afirma que bebês e crianças são capazes de estabelecer relações e ainda, que é nas interações entre bebês e adultos que se desenvolvem processos psíquicos (BOIAN; VENDRAME, 2017). Outros estudos indicam que o desenvolvimento da escrita se inicia “com o gesto indicativo do bebê, passa pelos desenhos, garatujas, brincadeiras para chegar à escrita” (CAETANO, 2017, p. 330). Ou seja, “o gesto do bebê é a manifestação inicial de um signo que mais tarde se converterá em signo escrito” (FREIRE; BORTOLANZA, 2017, p. 468).

Analisando os resumos dos trabalhos publicados nos Anais do Conbalf entre 2013 a 2019, observa-se que o termo “bebê” aparece pela primeira vez nos títulos e resumos dos artigos em 2019, estando presente em títulos de 5 trabalhos que versam sobre: a) as diferentes linguagens e a literatura para bebês e b) práticas de leitura para bebês e crianças (NOCELLI; ROCHA, 2019; BAPTISTA; PETROVICH; TERRA, 2019; BARBOSA, 2019; LAURO; NOCELLI, 2019; AMORIM, CARMO; ZAGHETTO, 2019). Em um trabalho, no qual o termo “bebê” aparece no resumo, a autora conclui que o desejo da aprendizagem da leitura e da escrita é despertado a partir de atividades mediadas pelo livro infantil literário (BETTE, 2019). Não foram localizados, no entanto, trabalhos sobre as práticas docentes com bebês que problematizassem a temática da leitura, especialmente considerando uma visão ampliada da leitura do mundo e de si.

Dessa forma, este artigo tem por objetivo compreender como professoras⁴ contribuem para a aprendizagem de bebês sobre a leitura do mundo, da vida, de si, durante as atividades de cuidado e educação em uma Instituição de Educação Infantil - IEI. Os dados analisados são parte de uma pesquisa qualitativa, que tinha como objetivo compreender a experiência docente com bebês. Um dos aspectos destacados pela pesquisa refere-se a implicação pessoal das adultas como componente da docência na EI, o que afeta diretamente as experiências dos bebês (BITENCOURT, 2020). Neste artigo, as análises são realizadas com base na literatura da área (BARBOSA, 2008; ORTIZ; CARVALHO, 2012; GALVÃO, 2016; BAPTISTA;

⁴ Para este trabalho optamos pela utilização do gênero feminino em função da predominância de mulheres trabalhando na EI.

BARRETO, 2019) e do trabalho do cuidado (TRONTO, 1997; DUMONT-PENA, 2015).

2 Fundamentação teórica

Partimos do pressuposto de que bebês e crianças são sujeitos de direitos, interativos e produtores de cultura (BARBOSA, 2008), bem como do fato de a leitura do mundo anteceder a leitura da palavra escrita (FREIRE, 1985). Compreendemos ainda que nas interações, professoras trocam sentidos com as crianças e as ajudam na construção de significados e descobertas sobre o seu corpo, a cultura e o mundo no qual estão inseridos.

A defesa de que bebês falam por diferentes linguagens está presente na literatura da área (ORTIZ; CARVALHO, 2012). Se tomamos o conceito de “culturas do escrito” (GALVÃO, 2016), compreendemos ainda que, desde bebês, a criança participa de seu processo de apropriação da linguagem escrita, “mesmo sem saber ler e escrever no sentido estrito. Ocorre, na verdade, um processo de apropriação de uma nova linguagem, que permitirá que ela participe, provavelmente de maneira mais intensa e com maiores possibilidades, das culturas do escrito” (GALVÃO, 2016, p. 20). Nessa direção, as interações dos bebês com seus pares e com adultos diariamente, constituem um dos elementos de sua inserção no mundo e nas culturas do escrito.

Embora as especificidades de bebês, crianças e infâncias tenham, ao longo dos últimos 30 anos, ganhado destaque nas pesquisas, ainda se observa a prevalência de perspectiva “escolarizante” voltada para a pré-escola, deixando ainda, na invisibilidade, os sujeitos das creches (ALBUQUERQUE; ROCHA; BUSS-SIMÃO, 2018). As pesquisadoras enfatizam a complexidade dos elementos formativos necessários para a qualidade da docência EI, defendendo a construção de conhecimentos teóricos e práticos, bem como a incorporação de conhecimentos de diferentes áreas que possibilitem a compreensão das crianças, suas infâncias e suas relações consigo, com os outros e com o mundo (BAPTISTA; BARRETO, 2019).

Um dos elementos complexos presente nessa docência é o trabalho do cuidado entendido tanto como função da EI (BRASIL, 2009) como atividade central com bebês. É uma categoria presente em estudos de diversas áreas, como Enfermagem, Filosofia, Pedagogia. A sua matriz ética vem de estudos feministas, que o tomam como premissa fundamental para a democracia, argumentando ser este um trabalho

necessário em todos os setores da sociedade (TRONTO, 1997). Das dimensões morais, as autoras discutem aspectos indispensáveis às atividades de cuidado, como: capacidade de atenção; paciência; formas de agir; escuta; generosidade, etc. (MONTENEGRO, 2005; DUMONT-PENA, 2015).

Para Montenegro (2005), cuidar do outro “afeta tanto quem cuida como quem está sendo cuidado”. Esse aspecto encontra-se presente nas interações e brincadeiras realizadas com as crianças, as quais promovem aprendizados sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Dessa forma, pensar a leitura e a literatura como direitos culturais, que permeiam o trabalho do cuidado, nos parece uma abordagem pertinente, entendendo essa ação de forma mais ampla aos cuidados físicos.

3 Metodologia

A pesquisa⁵, contou com a participação de 9 professoras, 1 auxiliar e 12 bebês. Os bebês, tinham idades entre 6 e 18 meses. Esse grupo de bebês integrava duas turmas, que ocupavam o mesmo ambiente da EMEI em tempo integral. As professoras eram concursadas e tinham jornada diária de quatro horas e meia. A auxiliar era contratada como celetista e trabalhava oito horas. As dez adultas eram assim distribuídas: três professoras no turno da manhã, três no turno intermediário, três no turno da tarde e a auxiliar permanecia o dia inteiro.

A geração dos dados foi realizada entre março e dezembro de 2017. Os instrumentos utilizados foram entrevistas semi-estruturadas com as adultas e observação participante, registrada em diário de campo. Por questões de ordem ética, todos os nomes são fictícios. Foram respeitadas as regras da Instituição e da sala de referência da turma.

4 Resultados e Discussão

Iniciamos o diálogo sobre os dados compreendendo os bebês tanto em sua potência quanto em sua vulnerabilidade, considerando tanto aquilo que ele ainda não consegue fazer por si próprio quanto concebendo-o como um sujeito de ação e

⁵ Foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG e Financiada pela CAPES, através de bolsa para fins de doutoramento.

relação. Nas relações que estabelecem com seus pares e com os adultos, os bebês vão atribuindo sentidos ao que experimentam e vão significando o mundo, a vida, a si e ao outro. Nesse contexto, o trabalho de professoras e auxiliares volta-se para a condição humana e possui especificidades que o diferenciam do trabalho educativo em outras etapas de ensino.

Na pesquisa, foram registrados elementos sobre a experiência dos bebês de forma ampla. Neste artigo, discutiremos aqueles relativos ao processo de aprendizagem da “leitura” dos quais destacamos dois aspectos. Por um lado, foi observado o trabalho intencionalmente planejado, como a leitura e contação de histórias, o projeto institucional com leitura, as cantigas de ninar, as músicas, a utilização do livro como brinquedo e objeto de acalanto. Por outro lado, os dados mostram o trabalho “não planejado” com a aprendizagem da “leitura”, como as narrativas diversas das adultas a partir das situações cotidianas, o auxílio em resoluções de conflitos, as interpretações das expressões faciais e corporais das crianças, bem como as interpretações verbais das adultas sobre as manifestações físicas e baubicios dos bebês.

A leitura de histórias é parte do projeto institucional. Em 2017, o objetivo foi apresentar livros às crianças a partir de três principais atividades: empréstimo de livros, contação ou leitura de histórias e músicas. Cada professora construía seu planejamento e a metodologia de trabalho. No berçário, há uma bebeteca com livros de materiais diversos, como tecidos, plásticos e papéis, contendo diferentes formatos, texturas, cores e ilustrações, alguns ainda contendo brinquedos, como fantoches e dobraduras.

Durante a geração dos dados identificamos a centralidade das interações verbais e gestuais nas relações com os bebês. Observamos que as expressões faciais e as diferentes linguagens dos bebês são interpretadas pelas professoras, ao mesmo tempo em que os bebês também interpretam as expressões e linguagens das professoras. Uma expressão de dor, a movimentação da mão em sinal negativo, a escuta do seu nome, o tom e a escolha das palavras verbalizadas pelas professoras que definem, à criança, se a professora estava dando uma ordem, se estava fazendo um pedido, se estava “brava” ou brincando. Vejamos o diálogo com a professora Juliana:

Juliana: Vou criando alguns clichês com bebês. Eu falo: “ora, ora, pois, pois, a Juliana está muito brava. Ora, ora, pois, pois, agora a Juliana vai ter uma conversa séria com fulaninho”, [...] mas só que esse “ora, ora, pois, pois” não está funcionando, porque eles estão levando na brincadeira.

Pesquisadora: Eu acho que estão entendendo. Outro dia, a Ana estava com o bico do Rafael e eu falei: “Ana, de quem é esse bico?”, aí eu fui em sua direção e ela correu para o outro lado da sala, fui ao encontro dela novamente e ela tornou a correr, eu falei: “vem cá moleca”, saí correndo atrás dela e ela fez: “poi, poi”.

Juliana: E antes era só “boba”. Ela xingava todo mundo de boba. Agora ela parou de chamar a gente de boba. Vira para você: “ora, ora, poi, poi” (Entrevista, Juliana, 2017).

Nesse relato, percebe-se como os bebês vão construindo seu vocabulário, interpretando as falas e expressões e reproduzindo aquilo que vivenciam. As principais palavras que Ana verbalizava eram “mãe” e “boba” e, aos poucos, entende que pode substituir o “boba” pelo “poi, poi”. Ana se apropria da expressão sem que houvesse, por parte da professora a intenção expressa de lhe ensinar. Observa-se a ampliação do vocabulário da bebê, ao substituir as palavras, mostrando ter compreendido que ambas poderiam significar a mesma coisa, ou ainda, que o “poi, poi” seria mais adequado que o “boba”, naquele contexto e para aquele grupo social.

A professora Juliana ainda se refere à escolha do tom utilizado para conversar com a bebê e sugere implicações dessa escolha no trabalho do cuidado. A entonação da professora define, à criança, a sua intenção, além de estar impregnada de uma carga simbólica e afetiva.

Vejamos nesse caso. Ao terminar uma atividade de banho a auxiliar fala com o bebê: “Pronto Rafael. Bagunceirooo. Você é um neném levado”. [...] “Hum! Um abraço. Que delíciaaaa. Vamos para sala agora? Vamos? Cheiroso. Limpinho” (notas de campo, 2017). Observa-se que os termos “bagunceiro” e “levado”, neste contexto, adquirem um sentido de esperto, ou seja, um sentido positivo que se apreende pela entonação da fala da professora. E o bebê demonstra compreender a positividade do que lhe está sendo dito. Outro aspecto refere-se às escolhas das palavras pelas professoras que sinalizam a forma como a sociedade se organiza e as atitudes que se considera mais adequadas. O convite para o banho, por exemplo, mostra ao bebê o que é considerado socialmente como um bom cheiro, bem como o informa que o banho é uma prática social que lhe permitirá sentir uma sensação de bem-estar: “vamos Artur? Tomar banho. Elisa já tomou. Vamos ficar cheiroso. Já peguei sua

mochila” (notas de campo, 2017).

Neste convite está presente a relação entre a palavra “cheirosa(o)” e o bem-estar, relacionando o banho ao fato de as crianças, após o procedimento, sentirem sensações agradáveis. É também olhar para o bebê, que mesmo não empregando a linguagem verbal, nos oferece pistas pelos movimentos corporais, olhares, silêncios, gestos, repletos de significados, que nós, adultas, vamos interpretando, em um jogo de erros e acertos. Nesse exercício de alteridade, no qual sujeitos mais experientes vão colocando “em palavras o que incomoda o bebê”, “o adulto constrói sentidos e mostra-se empático com suas necessidades”. María Emilia López argumenta ainda que

o adulto traduz em palavras as sensações do bebê, também gesticula, oferece seu rosto, seu olhar, seu sorriso, sua ira. A criança constrói, a partir do rosto do adulto, uma série de signos vitais para sobreviver: aprende a se acalmar, aprende a esperar, sente-se querida, reconfortada, sabe que é aceito, percebe a preocupação, o carinho; quando é ninada apresenta uma série de feições ligadas ao afeto (LÓPES, 2016, p. 17).

Nesse sentido, argumenta a autora, “todos os cuidados precoces têm uma profunda relação com a aprendizagem da leitura: leitura da vida, do mundo, de si mesmo” (LÓPES, 2016, p. 18). Essa leitura da vida, do mundo, de si, se relaciona à busca pelo significado, processo ativo na interpretação, na construção de sentidos que está na cultura e que se apresenta nessa interação. Esse é um dos grandes desafios da docência com bebês, a desnaturalização das atividades de cuidado de modo a compreender sua influência nas relações que os bebês estabelecem consigo e com o mundo da leitura e escrita.

5 Considerações Finais

Nosso processo de humanização se dá na relação com o outro. O cuidado e a educação, compreendidos também a partir dos seus aspectos afetivos, apoiam as crianças em seu processo de desenvolvimento cultural e social. Como nos ensina a literatura pesquisada e o referencial teórico utilizado para a escrita deste artigo, assim como cuidar e educar se constituem em ações indissociáveis, o processo de apropriação da linguagem pela criança está indissociavelmente ligado ao afeto que

perpassa as relações estabelecidas no contexto escolar.

Na docência com bebês, professoras e auxiliar, mobilizam conhecimentos racionais, disposições afetivas e emocionais para lidar com as situações cotidianas. Nos momentos interacionais, os aspectos emocionais têm um papel central nas ações realizadas pelas adultas proporcionando a elas e às crianças a vivência da riqueza e da diversidade presente no aprendizado da leitura de si, do outro e do mundo.

Dessa forma, considerando, o direito à educação desde o nascimento, garantido pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, de ser cuidada e educada em ambiente coletivo, concebemos, como condição necessária o atendimento em creches realizado por profissionais com formação inicial adequada e em constante qualificação, para que possam desenvolver práticas educativas capazes de enriquecer as experiências das crianças.

Referências

ALBUQUERQUE, M. H. de; ROCHA, E. A.; BUSS-SIMÃO, M. **Formação Docente para EI nos Currículos de Pedagogia**. BH: Educação em Revista, n. 34, 2018.

AMORIM, E. K.; CARMO, N. R.; ZAGHETTO, A. **Intercâmbio cultural de creches: registros da presença das diferentes linguagens dos/com os bebês e crianças bem pequenas em espaços coletivos de educação e cuidado no Município de Juiz de Fora – MG**. In: Anais do IV CONBALF, 2019.

BAPTISTA, M. C. A leitura, a literatura infantil e os bebês. In: LIMA, E.; FARIAS, F. e LOPES, R. **A criança e os livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância**. BH: Fundação Municipal de Cultura, 2017.

BAPTISTA, M. C.; BARRETO, Â. R. **Reflexões sobre a formação de docentes da e para a EI**. Salvador: Revista Entreideias, 8(2), 157-180, 2019.

BAPTISTA, M. C.; PETROVITCH, C.; TERRA, C. **Bebeteca: uma biblioteca para a primeira infância**. In: Anais do IV CONBALF, 2019.

BARBOSA, A. M. **Bebês e crianças são leitores: práticas de leitura de professores na EI**. In: Anais do IV CONBALF, 2019.

BARBOSA, M. C. S. **A prática pedagógica no berçário**. In: Anais do MIEIB, 2008.

BETTE, A. P. **Letramento literário na creche**. In: Anais do IV CONBALF, 2019.

BITENCOURT, L. C. **Docência com bebês: experiências sociais e dimensão sensorial no trabalho de professoras e auxiliar no cuidado e educação de bebês em**

uma IEI. [Doutorado] FaE/UFMG, 2020.

BOIAN, D. F.; VENDRAME, C. B. **Contribuições da Teoria Histórico-Cultural para a formação de professores alfabetizadores.** In: Anais do III CONBALF, 2017.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 1988.

_____. Senado Federal. **LDBEN:** nº 9394/96. Brasília, 1996.

_____. Senado Federal. **Revisão das DCNEI.** Parecer CNE/CEB nº 20, 2009.

CAETANO, C. A. **Trajetória de uma pesquisa:** o processo de apropriação da linguagem por meio das técnicas de Freinet. In: Anais do III CONBALF, 2017.

CERISARA, A. B. **Professoras de EI:** entre o feminino e o profissional. SP: Cortez, 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** SP: Cortez, 1985.

GALVÃO, A. M. **Crianças e cultura escrita.** In: BRASIL. Coleção Leitura e Escrita na EI. Brasília, 2016.

GUIMARÃES, D. **Bebês, interações e linguagem.** In: BRASIL. Coleção Leitura e Escrita na EI. Brasília, 2016.

LAURO, B. R.; NOCELLI, Z. B. **Os bebês leitores e as práticas de leitura nas creches.** In: Anais do IV CONBALF, 2019.

LÓPEZ, M. E. **Os bebês, as professoras e a literatura:** um triângulo amoroso. In: BRASIL. Coleção Leitura e Escrita na EI. Brasília, 2016.

MONTENEGRO, T. **EI:** a dimensão moral da função de cuidar. Psicologia da Educação. Nº 20, jun., 2005.

MORO, C.; VIEIRA, D. M. **Re-des-construindo o trabalho com a linguagem na EI com base na avaliação de contexto.** In: Anais do IV CONBALF, 2019.

NOCELLI, Z. B.; ROCHA, P. da S. **Linguagem oral e literatura com bebês:** possibilidades de um trabalho. In: Anais do IV CONBALF, 2019.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. **Interações:** ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar uma única ação. SP: Blucher, 2012.